

Entre cientistas e gurus: psicologia do esporte e categorias de base em algumas narrativas

Marina de Mattos Dantas*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Resumo: O presente artigo destina-se a problematizar o exercício da profissão do psicólogo do esporte. Partindo de quatro entrevistas realizadas com psicólogos atuantes em centros de treinamento de categorias de base entre os anos de 2010 e 2011, entram em cena analisadores que convidam o leitor a pensar as relações de saber-poder circulantes nesse campo. Em companhia das contribuições de Alessandro Portelli sobre a história oral, de Michel Foucault sobre o poder disciplinar e das contribuições de Félix Guattari sobre produção de subjetividades, discute-se práticas da referida especialidade e as implicações de seu exercício na formação do jogador de futebol da atualidade.

Palavras-chave: psicologia do esporte, categorias de base, produção de subjetividade

Abstract: This article problematizes the sport psychology profession. Starting from four interviews conducted with psychologists in activity at training centers of youth soccer between the years of 2010 and 2011, enter the scene analyzers that invites the reader to think about the knowledge power relations circulating in this field. In company of contributions from Alessandro Portelli on the oral history, of Michel Foucault about disciplinary power and contributions of Felix Guattari about subjectivity production, discusses practices of that specialty and the implications of its exercises in the formation of soccer player's nowadays.

Keywords: sport psychology, youth soccer, subjectivity production

Introdução

O presente artigo origina-se das reflexões suscitadas a época da pesquisa que resultou na dissertação de mestrado *Futebol de base e produção de subjetividade: o psicólogo do esporte e a produção do atleta contemporâneo* (DANTAS, 2011)¹, através da qual apresentei uma cartografia² de práticas da psicologia do esporte em centros de treinamento (CTs) de categorias de base de futebol e sua relação com a formação do atleta jogador de futebol. Colaboraram naquela composição: narrativas, observações, elementos da atual mídia especializada, de cronistas de outrora – como Nelson Rodrigues –, estudos antropológicos e

* Psicóloga, Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), doutoranda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT)

sócio-históricos sobre o futebol brasileiro, principalmente José Paulo Florenzano e Arlei Damo. Os estudos de Michel Foucault sobre poder disciplinar e de autores da Análise Institucional, como Félix Guattari, que se dedicaram a temas que atravessam a produção de subjetividades no mundo contemporâneo.

Na composição da cartografia, recorri à história oral como dispositivo³ ético-político. Considerando especialmente as colaborações de Alessandro Portelli sobre o assunto, entrevistei entre os anos de 2010 e 2011 quatro profissionais atuantes nos clubes: América Futebol Clube (MG), Clube Atlético Mineiro, Cruzeiro Esporte Clube e Botafogo de Futebol e Regatas. Para efeitos deste artigo, selecionei dentre as entrevistas alguns elementos analisadores⁴ do trabalho do psicólogo em categorias de base.

Em um primeiro momento, situo brevemente o contexto atual da formação do jogador, enfatizando objetivos das ciências do esporte no ambiente esportivo de alto rendimento e, em seguida, algumas considerações sobre a emergência da psicologia do esporte no Brasil. Em um segundo momento as narrativas entram em cena, oferecendo elementos para se pensar as implicações da atuação da psicologia do esporte na formação do atleta na atualidade.

Considerações sobre a formação do jogador de futebol profissional

Atualmente, o CT é o espaço privilegiado pelos clubes para a formação de atletas de futebol profissional. É também um dos espaços onde práticas de disciplinares se articulam em dispositivos os quais operam uma (re)produção de subjetividades em moldes neoliberais, presentes em grande parte das sociedades atuais nas quais o futebol de espetáculo é hegemônico. Em uma trajetória na qual práticas modeladoras e moduladoras desses corpos produzem efeitos políticos, o aspirante a jogador de futebol transforma-se gradualmente em um atleta profissional – mesmo durante o período no qual é, legalmente, considerado

aprendiz. Essas práticas, cada vez mais dirigidas por especialistas de diversas áreas de conhecimento, privilegiam uma formação voltada exclusivamente para a atuação de atletas no futebol profissional. Em uma espécie de monocultura de “pés-de-obra” (Damo 2007), desconsidera-se o desenvolvimento desses indivíduos para a vida entendida de forma mais expansiva de suas potencialidades. Assim, nessa formação específica, esses atletas funcionam como jogadores-peça, jogadores-produto, ou mesmo jogadores-empresa, ocupando territórios existenciais sob o signo do neoliberalismo e criando poucos espaços de inventividade.

No futebol de base, em sua condição de formador de atletas, encontra-se uma estrutura cada vez mais formalizada, envolvendo um grande grupo de especialistas de diversas áreas, que cuidam da transformação do menino jogador de futebol em corpo-atleta - especificamente instrumentalizado para servir como utensílio do espetáculo (FLORENZANO, 1998). Em um espaço de relações ainda bastante disciplinarizadas (FOUCAULT, 2006), diversas especialidades científicas se instalam nos centros de treinamento. Preparadores físicos, médicos, fisioterapeutas e nutricionistas, não necessariamente em conjunto, avaliam e prescrevem rotinas de cuidados aos atletas. Assessoram, respaldam e, algumas vezes, confrontam as decisões dos técnicos das equipes.

Está no pacote de incumbências dos especialistas: a tarefa de modelar os corpos em padrões desejáveis a sua utilização em campo. Além disso, a tarefa de produzir dados sobre esses corpos que tornará possível certa padronização dos corpos-atletas de cada modalidade – altura mínima, peso adequado, porcentagem de massa muscular alta, batimento cardíaco em atividade baixo, e assim se segue o padrão de normalizações –, bem como os métodos para exercitar-se e nutrir-se para atingi-lo e aprimorá-lo. Nesse sentido, o objetivo primeiro da formação do atleta é maximizar seu desempenho esportivo até o limite que não inviabilize a sua utilização em campo, o seu funcionamento enquanto peça.

Como salienta Sant'Anna (2000), os corpos atletas não são somente o lugar de encontro de tecnologias, mas também e principalmente um lugar de experiências científicas diversas em seu cotidiano. “o esportista pode prolongar o seu corpo rumo a um corpo artificial o qual, progressivamente, lhe parecerá familiar e natural.” (SANT'ANNA, 2000:3).

Esse processo de produção de corpos exhibe, como um de seus efeitos, padrões cada vez mais específicos de corpo-atleta desejável ao esporte de alto rendimento. Como exemplo em contraposição desse movimento de criação de verdades universais nos centros de treinamento, podemos citar Mané Garrincha, talvez o maior exemplo de antiatleta, que, se hoje criança, dificilmente seria aceito em algum clube de futebol profissional, e talvez pudesse ser categorizado por especialistas como um atleta paralímpico, a despeito de sua indescritível habilidade.

Assim, no meio esportivo, a manipulação do corpo atleta aprimorará a sua *performance*, e trará parâmetros para se construir atletas próximos a uma ideia de perfeição, que será alcançada através da objetivação e quantificação do corpo, e convertida em rendimento físico. Mas não somente físico. Também rendimento em capital. Um “recurso humano” gerador de renda para os clubes, empresários e investidores.

Numa dinâmica em que, como diz Damo (2007), é mais fácil ser expelido do que agregado, milhares de garotos passam pelos centros de treinamento pelo Brasil afora, toda semana, participando de processos seletivos para treinar – as chamadas “peneiras”.

Dentre os especialistas acima apresentados encontram-se os psicólogos do esporte. Quase anônimos em meio a tantos outros profissionais designados a cuidar de aspectos mais objetivos e mensuráveis no controle do corpo-atleta, mas igualmente presentes no dia-a-dia da formação daqueles jovens.

Indícios de uma especialidade emergente

Contando uma história que se origina nos tempos de 1920 com pesquisas experimentais na União Soviética (COQUEIRO e HONORATO, 2008), a psicologia aplicada ao esporte só emerge com maior expressividade no Brasil ao final dos anos de 1950, quando futebol e discursos científico aproximam-se (FLORENZANO, 1998).

O reconhecimento da importância do preparo psicológico para os atletas justificava-se naquela época por uma suposta inferioridade, um descontrole emocional – inato, individualizado e interiorizado no corpo-atleta –, presente nos negros e mulatos do selecionado brasileiro que, apesar de habilidoso, não conquistou os títulos mundiais de 1950 e 1954 (CASTRO, 1995).

Em consequência dessa eugênica constatação, João Carvalhaes, então psicólogo do São Paulo Futebol Clube, foi convidado por João Havelange a participar da equipe de profissionais que preparariam a seleção para a Copa do Mundo de 1958, a ser realizada na Suécia, contribuindo com laudos a respeito da condição psicológica de cada jogador.

Durante treze dias, Carvalhaes aplicou testes nos jogadores convocados para o campeonato mundial, o que resultou em relatórios sobre a personalidade de cada um, entregues a Carlos Nascimento e a Paulo Machado de Carvalho, respectivamente supervisor e chefe da delegação brasileira de futebol. “Os testes serviriam para medir o nível cultural, índices de tensão, reflexos e coordenação motora e níveis de impulsividade e agressividade dos jogadores” (CASTRO, 1995:135).

Amplamente utilizados, e não raramente tendo os seus fins e seus meios em si mesmos, os testes psicotécnicos recebem críticas de muitos psicólogos que desconfiam do benefício de seus efeitos para os indivíduos, para as instituições, para a sociedade. Se ainda hoje o caráter utilitarista atribuído aos testes fervilha em discussões, na época de Carvalhaes,

tais testes eram importados de outros países, aplicados na diversificada população brasileira, e interpretados com base em padronizações cunhadas em outros países.

Considerado um pioneiro da psicologia esportiva (Waeny e AZEVEDO, 2003), João Carvalhaes é figura quase lendária na história da especialidade. O impacto de seu trabalho na seleção da época é controverso. Conta-se que Carvalhaes teria dito à comissão técnica que nove jogadores, dentre eles Pelé e Garrincha, não deveriam ir à Copa, pois não tinham “perfil psicológico” para serem ágeis e raciocinar rápido, como seria ideal em partidas de futebol. Algumas pessoas próximas a Carvalhaes na época, no entanto, desmentem tal afirmação. (Conselho Regional de Psicologia de São Paulo 2000).

Ficção ou realidade, na copa de 1962 e 1966, realizadas respectivamente no México e na Inglaterra, Athaide Ribeiro da Silva – o psicólogo da vez – tratou de não cometer os mesmos erros de Carvalhaes avaliando a inteligência dos jogadores: “Deixei de lado qualquer preocupação com provas de inteligência, porquanto a convocação do atleta para integrar a Seleção já tornava implícita sua capacidade”. (Silva e Mira y Lopez 1964: 35). Contudo, a prática do psicólogo no ambiente futebolístico continuava a centrar-se nos psicotestes e laudos psicológicos individuais que referendavam a escalação pelo técnico.

Após a participação de Athayde Ribeiro da Silva, os psicólogos desapareceram das seleções durante um tempo. Apenas nos anos de 2000 reaparecem: com Suzy Fleury nas eliminatórias para as Olimpíadas de 2004 e com Regina Brandão na Copa do Mundo da Alemanha, em 2006. Ambas conhecidas por prestarem serviços de consultoria psicológica a técnicos e atletas famosos.

Nas categorias de base dos clubes brasileiros, no entanto, as décadas de 1990 e 2000 são marcadas pela presença incerta, mas cada vez mais notável, da psicologia do esporte no processo de formação/produção do jogador de futebol.

Narrativas sobre psicologias do esporte na atualidade

Entendendo que a história oral pode funcionar como um dispositivo durante a pesquisa, tentou-se nesse segundo momento do artigo provocar – através da composição com as narrativas, vivências e leituras – outras linhas que possam dizer algo a respeito da psicologia e da formação do jogador.

Ainda que seja preciso atentar para não deixar-se levar pela ilusão do testemunho (PORTELLI, 1997) como fonte de verdades incontestáveis, as fontes orais propiciam outras perspectivas. Ao ouvir quem vive atualmente a psicologia do esporte, e não unicamente sua história oficial ou os manuais que a prescrevem, evita-se uma mera repetição de histórias já contadas, difundidas, oficializadas. As narrativas, além disso, possibilitam acesso a discursos, vivências e emoções que eventualmente escapam a registros já cristalizados.

Vale assinalar que não se pretende com isso chegar a uma história mais verdadeira ou abranger toda a história da psicologia no futebol brasileiro, mas sim buscar possíveis singularidades, histórias outras.

Indo ao encontro da postura cartográfica empenhada, segundo Alessandro Portelli (1996), interessa à História Oral a subjetividade, de forma que sua preocupação não está em universalizar achados de pesquisa e preencher lacunas, e sim em seu próprio processo e nas possibilidades diferentes que este oferece: “Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais” (PORTELLI, 1996:62).

Em acordo com tal pensamento, Daisy Perelmutter (1997) afirma que a História Oral favorece a inscrição do sujeito na história e possibilita que este se aproprie de seus processos de subjetivação. Nesse sentido, vale lembrar Félix Guattari: “A produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção” (GUATTARI e ROLNIK, 2007:36).

Entendendo a produção de subjetividade mais como resultado de relações do que um processo individual interno enfatiza-se que: “[...] os documentos de História Oral são sempre o resultado de um relacionamento, de um projeto compartilhado no qual ambos, entrevistador e entrevistado, são envolvidos, mesmo se não harmoniosamente” (PORTELLI, 1997:35).

Reaproximando-se das entrevistas realizadas entre os anos de 2010 e 2011 com quatro psicólogos do esporte atuantes em categorias de base, àquela ocasião muni-me de algumas poucas perguntas iniciais. Um roteiro básico que expressava as minhas inquietações iniciais sobre o tema. Solicitei aos psicólogos que me contassem sobre sua história e sua relação com o futebol, sobre o funcionamento da psicologia em seus respectivos locais de trabalho, e sobre como era a rotina dos atletas no CT.

A maioria das entrevistas foi concedida no horário e no próprio local de trabalho, o que me proporcionou vivenciar algo das rotinas e relações que se constroem naqueles espaços. Assim, as entrevistas resultaram, complementarmente, em observações relativas aos respectivos centros de treinamento em que os psicólogos trabalham⁵.

Jairo Stacanelli é Psicólogo das categorias de base do Cruzeiro Esporte Clube desde 2008. Após passagem pela escolinha de futebol Fox, conveniada do clube celeste localizada em Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte, e pelo Esporte Clube Itaúna, na região oeste de mineira. Com o sucesso das respectivas equipes em campeonatos locais, Jairo foi convidado por Dimas Fonseca, então diretor de futebol de base do clube, para trabalhar na Toca da Raposa I, centro de treinamento das categorias de base do Cruzeiro. Além do trabalho no ambiente esportivo, é psicoterapeuta em um grupo de apoio a dependentes químicos em Contagem. Trabalha com psicologia social de enfoque comportamental.

A então psicóloga do Botafogo de Futebol e Regatas, Teresa Fragelli, atuava no clube desde 2010. Entre 1998 e 2008, trabalhou nas categorias de base do Fluminense Football Club. Integrante do CEAPERJ desde sua criação⁶, Teresa especializou-se na área através de

um curso sobre psicologia do esporte oferecido por psicólogos do Vasco da Gama e do Flamengo, os clubes cariocas com os mais antigos departamentos de psicologia, respectivamente criados em 1986 e 1990. Um ano e meio após deixar o Fluminense, Teresa foi indicada ao Botafogo pelo treinador de goleiros com quem trabalhara no tricolor carioca para coordenar o serviço de psicologia na base. É formada em psicanálise, mas, nas categorias de base, trabalha com psicoterapia breve focal de base analítica. Deixou o clube em 2012 para dedicar-se somente à atividade de professora no curso de psicologia da Universidade Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro.

Alessandra Monteiro, psicóloga da base do América Futebol Clube desde 2008, trabalha com Teoria Sistêmica de Milton Erickson. Trouxe do Rio, durante um tempo de intercâmbio com o CEAPERJ, o trabalho com a psicoterapia breve. Mas, diferentemente da psicóloga do alvinegro carioca, no clube alviverde a terapia breve funciona em um enfoque sistêmico. É mãe de jogador de futebol. Seu filho jogara no Cruzeiro desde o período da escolinha, permanecendo no clube até a categoria juvenil, quando se transferiu para o América, no início de 2011. Por conta disso, Alessandra sempre esteve próxima ao futebol. Porém, como profissional, seu ingresso ocorreu em 2008, quando participou de um curso de psicologia esportiva ofertado pelo Instituto de Futebol Wanderley Luxemburgo (IWL)⁷. Após ter participado dos cursos, procurou o Cruzeiro Esporte Clube, onde trabalhou durante um curto espaço de tempo, naquele mesmo ano.

Paula de Paula, psicóloga das categorias de base do Clube Atlético Mineiro desde 2004, trabalha com Psicanálise e Análise Institucional. Na época da entrevista, era professora de psicologia na unidade de Betim da PUC-Minas e de psicologia do esporte na Escola Brasileira de Futebol da CBF, ministrando aulas para futuros treinadores. Em janeiro de 2011, encontrei-a para a entrevista em seu consultório particular, onde atua como psicanalista. De modo diferente dos outros entrevistados, Paula formou-se primeiramente em Educação Física

e somente após algum tempo em Psicologia. Costumava trabalhar como treinadora de vôlei, esporte do qual fora atleta em sua juventude. Em 1985, ingressou no curso de psicologia da UFMG pensando em aplicar os conhecimentos sobre comportamento e subjetividade ao esporte. No entanto, durante o curso, descobriu a psicanálise freudiana o que a levou ao trabalho em um hospital psiquiátrico. Porém, nunca se afastou totalmente dos esportes. Realizava trabalhos pontuais como psicóloga nos inícios de temporada de competições em modalidades como atletismo, natação, judô, futsal e, principalmente, vôlei. Iniciou sua carreira em psicologia do esporte no futebol de base em 2003, convidada por Ricardo Drubsky – então gerente das categorias de base do Atlético Mineiro – para desenvolver o projeto de criação do departamento de psicologia do esporte no clube.

Os psicólogos entram em campo

Eu não podia ficar na beirada do campo, eles ainda não deixavam ficar do lado do treinador. Queriam que eu fosse uma psicóloga clínica mesmo. [...] E a psicologia em si, do esporte, independente de qual setor esteja, não é a psicologia de consultório, né? (Alessandra Monteiro)

Em esportes coletivos, foi-se o tempo em que o psicólogo do esporte contentava-se a atender somente os atletas em consulta e avaliações individuais. Atualmente, a circulação deste profissional se amplia e transborda ao centro de treinamento. Contudo, uma concepção clássica de “psicologia no divã” ainda persiste dentre aqueles pouco acostumados a outras possibilidades de se fazer psicologia, como expressou Alessandra Monteiro sobre uma de suas experiências anteriores em centros de treinamento. Os entrevistados concordam que psicologia do esporte necessita de outras práticas que não as de mera transposição do ambiente do consultório para o do CT.

Entender o clube como um sistema vivo, um conjunto de relações, é fundamental para entender as produções de saber e poder neles existentes. Jairo enfatiza essa posição: para que

o seu trabalho funcione e que os times obtenham o resultado que almejam, todos os profissionais envolvidos precisam entender que estão diretamente ligados à formação dos jovens.

Eu não trabalho somente com os atletas de categorias de base, eu trabalho com todo mundo que está envolvido nessa formação [...]. Meu objetivo aqui é fazer eles perceberem que estão diretamente ligados ao processo de formação do atleta. Desde os caras da grama⁸ até o pessoal que cuida do jardim. (Jairo Stacanelli)

Dentre os campos profissionais presentes nos clubes, a psicologia talvez seja, das chamadas ciências do esporte, a que ocupa o lugar menos confortável. Marcada pelos mais diversos modos de trabalhar, embasados, por sua vez, pelas mais diversas vertentes teóricas, visões de mundo e conceitos sobre a humanidade. Teresa descreveu minuciosamente o ponto inicial de seu trabalho com um atleta:

Então eu faço perfil individual, um perfil assim... é uma entrevista sistematizada com perguntas que são relevantes pra isso. Depois desse perfil eu aplico uma bateria de testes, dentre esses testes o mais importante é o Pomes que é um inventário de personalidade muito usado. E o interessante do Pomes é que ele tem um gráfico, e através desse gráfico é quase como se você fizesse uma radiografia, **então você tem o que mostrar para o atleta, porque o atleta ele está muito acostumado**: “Ah, você está com uma lesão, não pode jogar”. E aí alguém vem e mostra [na radiografia ou em outros exames]: “Aqui a sua lesão”. Então a psicologia, dentro desse meio que é **muito exato**, e **muito pra ontem**, e de **resultado positivo**, ela é vista como alguma coisa assim **meio... guru... meio mágica que não entrava dentro dessa eficiência que é exigida**. Então o que aconteceu, a gente teve que começar a ocupar um espaço também assim meio que de **garantir resultados**. Então eu nunca falo com o treinador quando ele chega pra mim assim: “Dá pra você fazer um trabalho com esse atleta?”. **Eu sempre digo pra ele que dá. E aí depois eu me viro pra ver como eu vou fazer**. Então a gente faz, aí você mostra pra esse jogador, a gente tem um gráfico, e **quando ele vê esse gráfico que a gente mostra pra ele, o gráfico que é quase uma radiografia dos sentimentos dele**, e diz: “Realmente, isso aqui deu alto porque essa semana...”. E aí ele dá uma gama enorme pra gente discutir com o atleta. Ele não pode mais dizer assim: “E aí, tá tudo bem?” e ele dizer: “Tá, tá tudo bem.” E quando você mostra aquilo ele tem que explicar porque aquilo aconteceu. Aí quando eu vejo necessidade eu vou além [grifos nossos]. (Teresa Fragelli)

Em um campo crescente e pouco definido como o da psicologia esportiva, a marca positivista de um saber que insistiu em querer-se reconhecido como ciência continua a produzir sequelas. Uma delas: a garantia exigida de resultados objetivos, palpáveis, muito valorizados em um ambiente esportivo de alto rendimento e difíceis de mensurar no trabalho

do psicólogo. Não à toa, os testes, avaliações psicológicas, os perfis psicológicos, ainda hoje se fazem presentes, tentando convencer-nos – as nós próprios, os psicólogos – e também aos outros de que sim, somos objetivos e, portanto, úteis.

No futebol profissional, o bom trabalho é aquele que traz resultados objetivos, que levam a equipe à vitória. Essa é uma grande questão para o psicólogo do esporte, uma vez que não há garantias em seu trabalho de uma produção direta, objetiva e visível de resultados.

Em um nível mais específico, espera-se do psicólogo a produção de comportamentos, considerados desejáveis pelos clubes, em seus atletas. Assim, na busca por manter seu espaço, o psicólogo exerce, dentre outras nuances possíveis, sua função disciplinadora. Mas, para além disso, também o psicólogo está engendrado no exercício de forças que o modelam, modulam suas relações e criam as diversas psicologias do esporte.

Na contradição entre ser meio objetivo e meio “guru” em um ambiente onde tudo é “*muito exato, muito pra ontem e de resultado positivo*”, o psicólogo do esporte é convocado a lidar com os atravessamentos subjetivos e imprevisíveis do futebol. É como se quisessem que o psicólogo do esporte disciplinasse, afinal, o *Sobrenatural de Almeida*⁹.

Constantemente ameaçados pelas exigências utilitárias que o futebol de alto rendimento solicita ao corpo-atleta, os limites e resistências do próprio corpo ao controle, ainda que sejam temporários, tornam-se problemas para o clube. Este, quase sempre como última tentativa, recorre ao psicólogo para controlar as peripécias do *Sobrenatural de Almeida*, personagem que, quando não está diretamente em campo, está eventualmente atrapalhando o trabalho do pessoal do departamento médico e brincando com a carreira dos atletas. Apesar de não ter mencionado o personagem “trapalhão” durante a entrevista, Paula parece concordar:

A psicologia tem uma demanda ali assim: quando parece que nada mais é possível ser feito, aí eles pensam – só pode ser a psicologia. Quando um menino se queixa de dor e não sai do DM [departamento médico], mas a tomografia não mostra dor, não mostra lesão. Ou que faz uma cirurgia junto com outro atleta e o outro já tá indo

treinar e ele não consegue. Tem os encaminhamentos do povo da nutrição que quer saber como é essa coisa do menino que não emagrece, faz a dieta e não emagrece, ou que está magro demais – come os suplementos e não engorda. (Paula de Paula)

Alessandra também comentou sobre as mistificações sobre a psicologia e como tenta desvencilhar-se delas:

Gente [refere-se aos atletas], eu não sou maga, eu não sou adivinha. De eu olhar pra você eu não sei quem você é. Pra eu saber dos seus problemas eu tenho que conversar bastante com você. Preciso às vezes fazer um testezinho com você, para descobrir como que é a sua dinâmica de pensamento, como você é. (Alessandra Monteiro)

Uma vez mais, emergem os testes. Não é raro que esse tipo de demanda seja feita aos psicólogos e, como vimos até o momento, ela é constante nos ambientes onde se pratica futebol de alto rendimento. Tal demanda tem a ver com uma visão comum, corroborada por algumas teorias psicológicas, de que o problema é produzido – seja de forma inata ou aprendida – “na cabeça do indivíduo”.

Paula, que também utiliza testes em intervenções com os atletas em grupos operativos, disse que inicialmente esse trabalho não era bem recebido pelos técnicos. Estes não entendiam o motivo pelo qual a psicóloga não aplicava testes para selecionar e cuidar de jogadores específicos – por serem “problemáticos”. Ao invés disso, Paula promovia, ao ver dos técnicos, “joguinhos e brincadeiras” com o elenco: “Até que eles entendessem que o problemático é uma coisa que o grupo tem que resolver e não o psicólogo tem que resolver demorou muito” - comenta.

Construindo processos, apagando incêndios...

As relações entre psicólogos e técnicos foram citadas pelos entrevistados como sendo muito cautelosas. Uma fala de Teresa explicita um pouco dessa relação:

O psicólogo lá no profissional, depende muito da boa vontade, vamos dizer assim, do treinador. Então, se o treinador quer, ele manda chamar; se o treinador não quer, você volta pra base. (Teresa Fragelli)

Em vários outros momentos, Teresa menciona o poder quase ditatorial exercido pelo técnico de futebol, o que me levou a perguntar-lhe sobre as diferenças entre o trabalho do psicólogo na base e no profissional. Ela me responde:

O problema [da psicologia atuando junto ao futebol profissional] é que o treinador tem um poder ilimitado. O treinador é Deus. Ele se acha e é tratado como Deus, principalmente quando está ganhando. Então ele pode exigir tudo. [...] Se o técnico diz que não quer, o clube, geralmente, não vai contratar, mesmo em lugares, como por exemplo, o Flamengo. É um clube em que eles mantêm o psicólogo esportivo sempre, independente de técnico ou não. O que não quer dizer que o psicólogo esportivo trabalhe. Porque já houve ocasiões em que o técnico chegou ao Flamengo e foi obrigado a trabalhar com o psicólogo esportivo. E aí é muito fácil ele anular o poder do psicólogo esportivo. Ele proíbe o psicólogo de assistir preleção, de observar os treinos... ele não troca nada, nenhuma informação, ele não encaminha nenhum jogador. Então, praticamente, o psicólogo tá ali de enfeite. (Teresa Fragelli)

O treinador, em sua rotina, conversa com os seus atletas e os observa sistematicamente, elaborando, ele mesmo, perfis (não apenas psicológicos) de cada um. Teresa assinala que os técnicos, por acharem que o que fazem é muito semelhante ao trabalho do psicólogo, acabam julgando o trabalho da psicologia desnecessário. Essa questão agrava-se quando se alimenta a fantasia, por conta do sigilo profissional, de que o psicólogo deteria um saber maior, que ameaçaria o saber do técnico.

Fazendo-se aqui uma pequena brincadeira com a psicanálise lacaniana, irônico seria pensar o sujeito-suposto-saber agindo contra o psicanalista! Ao invés de o técnico achar que o saber do psicólogo sobre o atleta o ajudará e estabelecer-se uma transferência, quando não o ameaça é, no mínimo, considerado desnecessário.

Em tom mais sério, não é de estranhar o técnico sentir-se ameaçado: em sua concepção, aparentemente, o trabalho do psicólogo seria muito semelhante ao do próprio técnico - “fazer perfis e conversar”, visando a saber qual jogador funciona melhor e onde funciona melhor, seja dentro ou fora das quatro linhas. Pensando nisso e invertendo um pouco o jogo, não seria o psicólogo com suas observações, perfis e dinâmicas de grupo, que

desempenha função semelhante à do técnico? Não seria o psicólogo, em algumas situações, um técnico em psicologia do esporte? Não parece um pensamento impossível...

Alessandra também aponta as dificuldades nas parcerias com os técnicos. Em um dos exemplos, cita a dificuldade de manter um processo de trabalho contínuo com alguma equipe quando o técnico vê a intervenção da psicologia como pontual e descartável. Um técnico uma vez lhe disse: “Não, os meninos essa semana não estão precisando não”. A psicóloga continua o relato:

Então quebra o roteiro todo do meu trabalho. E aí eu tenho que ficar nesse jogo de cintura. Porque também, se eu bater de frente, não consigo nada. [...]Eu tenho um roteiro de trabalho. Por exemplo, os meninos que subiram para o CT [para a categoria pré-mirim] nesse ano, eu tento mostrar para eles o que é ser um jogador de futebol, quais são as características necessárias, o que eles acham que é um perfil psicológico. Porque tem o perfil físico, o técnico e tem o psicológico. O que eles acham que um jogador precisa ter. Num segundo momento, no infantil, eles vão buscar dentro deles o que eles têm, com técnicas que aprofundam mais...
(Alessandra Monteiro)

Alessandra acrescenta, no entanto, que seu trabalho, por não ser reconhecido como algo processual por parte dos dirigentes e técnicos, encontra dificuldades no que tange à continuidade. O clube espera intervenções pontuais para “apagar incêndios”, contornar situações que aparecem no dia-a-dia e se tornam problemas. Do psicólogo se espera que os possa mediar e mesmo resolver, visando aos interesses do clube.

Preocupações com o amanhã...

Amanhã eu vou levar os meninos na mostra de profissão que vai ter na UFMG. O pessoal [dirigentes] não gosta muito não, porque “pô, vai ter jogo sábado e você vai sair com eles na sexta?!” Mas eu vou levar. (Jairo Stacanelli)

Com tal menção, o psicólogo começa a discorrer sobre a falta de garantias de sucesso na profissão de jogador, e de como aqueles que não têm perspectivas futuras de assinar um contrato profissional encontram dificuldades para se empregarem fora do meio futebolístico.

Perguntei ao Jairo qual era o procedimento quando um jogador decide desistir das categorias de base, sobre o que me respondeu:

Varia muito. Se o menino quer ir embora e não está rendendo, a gente deixa ir embora. Mas, às vezes, se é problema de briga, que raramente acontece, ou saudade, ou algum acontecimento, a gente conversa separadamente. (Jairo Stacanelli)

Em todos os clubes há uma cota de atletas para cada categoria e também para cada posição em campo. Manter a vaga em uma equipe de base é tarefa árdua, pois a rotatividade de jogadores indicados por empresários é testados em “peneiras” é alta. Além de estarem constantemente em avaliação – pelos técnicos e pelos especialistas –, estão, eles mesmos, continuamente se avaliando e se cobrando, lidando com a ameaça de serem plenamente substituíveis em suas condições de peças. No CT do Atlético-MG, em uma placa afixada acima dos lavabos na entrada do refeitório, lê-se: “Lembre-se apenas de que se você não treinar usando o máximo de sua capacidade haverá alguém com a mesma habilidade que a sua, e o dia em que vocês se enfrentarem ele levará vantagem” – ameaça nada sutil que estimula a vigilância do atleta sobre o próprio corpo e a competitividade entre os jogadores. Como nos explica Lazzarato (2010), as relações mercadológicas neoliberais se organizam pela concorrência, competição, pelo “jogo formal” entre desigualdades. Esse jogo instituído, porque continuamente alimentado, sustenta a prática do futebol como a vemos hoje.

Através do controle de si e da competitividade extrai-se o rendimento – tanto esportivo quanto financeiro – do corpo-atleta, produto do clube-empresa. Nesse processo,

Os indivíduos são reduzidos a nada mais do que engrenagens concentradas sobre o valor de seus atos, valor que responde ao mercado capitalista e seus equivalentes gerais. São espécies de robôs, solitários e angustiados, absorvendo cada vez mais as drogas que o poder lhes proporciona, deixando-se fascinar cada vez mais pela promoção. E cada degrau de promoção lhes proporciona um certo tipo de moradia, um certo tipo de relação social e prestígio. (Guattari e Rolnik 2007: 48)

É em busca dessa promoção de que nos falam Guattari e Rolnik (2007) que milhares de meninos de diversas localidades do Brasil se lançam na engrenagem do futebol contemporâneo, muitas vezes se digladiando uns com os outros – sem saber ao certo a que estão servindo com tal luta, mas cada um com a (in)certeza de que será o jogador-produto mais bem sucedido do mercado.

Paula observa que muitas vezes os atletas têm consciência da condição quase escravizante à qual se submetem, mas que essa condição acaba naturalizada como caminho edificante para o sucesso na profissão. O garoto acredita que precisa ter jogado futebol em campos de várzeas com latas no lugar de bolas, ser pobre, passar fome, rodar o país inteiro em busca de uma oportunidade, sofrer, cair e levantar-se como nas biografias dos grandes jogadores de outrora, para ser atleta – e nessa conta entram todos os tipos de abusos físicos e subjetivos que se possa imaginar. Por outro lado, os próprios dirigentes também acreditam e sustentam essa premissa, pois ela agrega valor ao seu produto. É o diferencial do jogador brasileiro que os “garotos de playground” – ainda que frequentem escolinhas de futebol desde muito novos –, nesse raciocínio, não possuem. Portanto, menor seria o potencial desses últimos de se tornarem craques rentáveis. Além disso, por não morarem nos CTs e geralmente terem acesso a outras possibilidades fora do futebol, esses garotos acabam desistindo da carreira futebolística:

A gente tem uma prática no CT que é não alojar meninos com menos de 13 anos¹⁰. Embora isso aconteça às vezes, porque é uma luta para o clube entender. Porque eles estão numa corrida à caça de talentos. Então se você não aloja e o outro clube o faz você está perdendo. Então ficar pensando eticamente se seria mesmo legal pegar o menino de 13 anos, absolutamente longe de todos os vínculos familiares, a quilôoometros de distância [...] isso não é uma coisa que o clube começa a pensar com esse cuidado que a gente pensa, porque ao clube não interessa pensar. Para o futebol não interessa pensar isso. (Paula de Paula)

A entrada do jogador em campo, nas competições, é importante não somente do ponto de vista do rendimento esportivo, mas igualmente do lucro que o clube consegue extrair de seus atletas. Logo, mesmo o “jogador ruim”, por mais que possa prejudicar o desempenho da

equipe em algum momento, precisa estar em campo nas competições para estar na vitrine do mercado do futebol. Os campeonatos das categorias de base funcionam como verdadeiras feiras, onde os produtos estão à disposição, demonstrando suas qualidades aos empresários e olheiros de outros clubes – sempre atentos aos aspectos técnicos e ao comportamento dos jovens em campo.

Monocultura de “pés-de-obra”

É uma luta muito grande. Ela [a pedagoga] já trabalha há muitos anos lá, mas é uma luta. Uma coisa é dizer que o estudo é importante. É muito fácil dizer isso, mas na prática, o menino, ele volta toda a sua libido para o esporte, para o treinamento. E o técnico, muitas vezes, agora já não acontece mais isso, mas eu me lembro de um técnico que falava com os atletas que estudar era importante porque nem todo mundo vai ser jogador. Mas o menino tinha que sair às dezoito horas para ir à escola e alguns técnicos começavam o treino às dezesseis, quando o sol estava mais baixo. E o treino acabava às dezoito, dezoito e quinze... Ou seja, o menino não ia na aula aquele dia. Mas se alguém fosse falar com o técnico que os meninos tinham que sair mais cedo por causa da aula, nossa! Eles me matavam! Não tem jeito... então, assim, agora, isso não acontece mais [...] O técnico sabe que o menino tem que ir pra escola, mas ele ainda não dá conta de um atleta que manda falar que não vai porque prefere ficar estudando de tarde. Nossa! Isso é muito difícil de um técnico aceitar. Ele que estude em outra hora, mas aquela hora é hora de treinamento. [...]Então não é o estudo o mais importante, nem pra família. É muito raro um pai e uma mãe ligar pra gente querendo saber como vai o filho na escola! (Paula de Paula)

Dessa forma, a educação formal dos atletas não é prioridade para o clube-empresa, pois o que ela agrega ao jogador-produto é muito pouco em relação ao seu valor de mercado. Garantir a educação dos jovens, porém, pode agregar valor à imagem da empresa. Portanto, oferecer assistência pedagógica, psicológica e social, além de obrigatórios por parte do clube formador, “*pega bem*” – como em outro momento dissera Paula. Mas, nas relações internas do clube, o discurso é diferente:

Você vai falar com um técnico assim ó: “Fulano de tal não tá bem na escola.” E ele diz: “Não vem me contar! Fulano está excelente [em campo]! Bom demais. Não posso ficar sem ele!” Então assim o técnico não quer se envolver, porque se ele se envolver, ele vai ter que tomar medidas. E às vezes as medidas não são interessantes do ponto de vista do desempenho da equipe. Então é muito difícil. Por exemplo: nós perdemos um técnico agora, o Alfredo¹¹, que era uma pessoa capaz de deixar de levar um atleta para uma viagem internacional se ele não tivesse bom

comportamento. Mas a pressão que ele sofria, inclusive da presidência, era enorme. Tipo assim, o cara tem que ir. É lá [em outros países, principalmente nos europeus] que estão os olheiros, é lá que nós podemos fazer negócio. Não interessa se o cara do ponto de vista moral é uma coisa fora do comum, uma aberração, não interessa, tem que por o menino pra jogar. Então eu acho que na base a gente tem esses problemas, entendeu? Um é a pressão pelo resultado, e a outra é a formação.

Em termos da divisão disciplinar das comissões técnicas e da estrutura física dos CTs, pouca coisa muda de um clube para o outro: alojamentos, banheiros, refeitório, lavanderia, sala de musculação, sala dos médicos e campos de treinamento. A diferença que se sobressai é a presença de uma escola dentro do CT do Cruzeiro. O clube, em parceria com o Colégio Rui Barbosa, oferece ensino fundamental e médio para todos os atletas, que não precisam, conseqüentemente, sair da Toca da Raposa para estudar. O Atlético Mineiro, por sua vez, em parceria com o Grupo Soebras, também oferece aos atletas ensino fundamental e médio, além de curso pré-vestibular e superior. Porém, os atletas do clube alvinegro estudam em escolas fora do espaço do CT junto a outros jovens. Já o América Futebol Clube acompanha os estudos dos jogadores – em escolas públicas – até os 16 anos, idade até a qual os clubes mineiros são obrigados pelo Ministério Público a garantir a educação dos atletas.

Paula explica que é contra se trazer a escola para dentro do espaço do CT,

Porque os meninos moram muito longe de tudo. CT é uma coisa assim: afastada de shopping, afastada da vida, afastada de tudo. É um campo de concentração. Por mais que ali tenha instalações modernas, higiênicas, confortáveis... Poxa, os meninos são adolescentes. E aí, se uma escola tivesse instalada ali, eles iriam ver as mesmas pessoas todos os dias. Isso é extremamente estressante. A gente acha que é bacana o menino pegar o ônibus e ir aquele bando para a escola. E lá eles terem colegas, por mais que falem muito e tenham que ter toda aquela rotina diferente. Mas lá eles são assediados porque são jogadores, lá eles podem fazer outras relações de amizade e amorosas também. (Paula de Paula)

A formação do jogador não somente como produção de peças/produtos, mas como subjetividades e modos de vida outros – também ali produzidos, por mais que tanto se negue a pensar e por mais que se queira deixa-los guardados no armário antes do treino.

As temíveis camisinhas...

Por volta de 2008, o Atlético recebeu de um posto de saúde da região a doação de preservativos. Um dos médicos das categorias de base, então, procurou a psicóloga para conversar sobre o assunto. Essa simples ação gerou um curioso acontecimento analisador das relações entre os atletas e os outros profissionais no CT:

- O que a gente vai fazer com essas camisinhas? – pergunta o médico.
- Não sei. Eu não uso! – responde ironicamente a psicóloga, e continua:
- Mas vamos pensar aqui: como a gente vai fazer bom uso dessas camisinhas?

Paula relata que, em parceria com a comissão técnica e o departamento médico, elaborou um projeto a respeito dos preservativos:

Aí a gente fez um projeto, todo mundo achou um máximo, bacana. Mas não saiu do papel porque eles queriam que eu pusesse o projeto em andamento, quando o projeto era pra que eles pudessem conversar com os atletas sobre camisinha. Que pudessem dizer que no DM [Departamento Médico] tinha camisinha e que eles podiam pegar a camisinha. E eles deram conta? Não! Só pode saber que se transa, mas não se pode falar. [...] Eu chegava à beira de campo e falava com o técnico: “Fulano! Vai falar da camisinha?!”. Mas eles não enxergam lugar para falar disso.

Vale notar que, ao recusarem-se a assumir o lugar de mediadora, tão desejado pelos clubes em suas demandas, a psicóloga convoca os outros profissionais a que, além de exercerem suas funções de produtores de corpos físicos, se impliquem enquanto formadores. Sem efeitos que possam ser mensuráveis, ao que parece através do relato, naquele momento singular, a psicóloga desestabilizou cristalizações de condutas, fazendo circular outras potencialidades para além das voltadas ao rendimento esportivo.

Considerações Finais

Nelson Rodrigues utilizava a expressão “idiotas da objetividade” para dizer dos que tentam a captura do futebol pela objetivação e massificação das práticas, num processo que mecaniciza a formação dos jogadores e, por consequência, a prática desse esporte. No

espetáculo produzido através dessas práticas, a busca pela “verdade” importa mais do que a capacidade de afetar e ser afetado pelo mundo.

Frente à convocação para que lidem com o *Sobrenatural de Almeida*, os psicólogos do esporte desenvolvem diversas práticas, bem como múltiplas orientações teóricas. Alguns trabalhando na invisibilidade, outros sob os holofotes midiáticos, todos dizem alguma coisa sobre o modo de funcionamento do lugar onde trabalham e sobre a instituição-futebol que instituem e que os institui. Circulando entre modos de fazer, percebe-se, contudo, que a diversidade de práticas que compõem as várias psicologias do esporte indica a diversidade de subjetividades e de modos de vida possíveis - ainda que num ambiente à primeira vista tão cristalizado como são os CTs e atravessadas por uma instituição inegavelmente neoliberal como o futebol profissional. Diversas formas de se praticar psicologia que podem ou não atuar como promotoras dessa instrumentalização do jogador, que implicam efeitos às vezes mais libertários e outras vezes mais adaptativos à promoção do rendimento esportivo e à constituição de atletas docilizados. Concomitantemente, esses profissionais sofrem pressões de desempenho dessa função disciplinar semelhantes às que atingem os atletas de alto rendimento.

Em diversos momentos, psicólogos aparentam querer se transformar em “idiotas da objetividade” para justificarem sua importância frente ao grupo de cientistas do esporte e frente aos dirigentes, colaborando para a existência de modos de vida homogeneizados. E esses modos não se encontram, evidentemente, somente nos CTs. Estão igualmente nos hospitais psiquiátricos, nas escolas, nos consultórios, nas universidades. Essa “idiotice” nos atravessa a todo momento; cabe-nos não nos deixar ser por ela capturados.

O trabalho do psicólogo nos clubes é geralmente medido pela quantidade de dados e documentos gerados e pelos efeitos de docilização que adapta os atletas a perfis exigidos, selecionando o que vale e o que não vale a pena cuidar para o clube.

Nessa perspectiva, no trabalho do psicólogo supervalorizam-se os testes e psicodiagnósticos, que passam a ser utilizados como dispositivo criador de perfis de jogadores para responder à demanda de técnicos. Assim se estabelece uma psicologia de alto rendimento – descritiva e adaptativa –, mais ligada à necessidade de afirmar o lugar da psicologia e de responder às encomendas do clube tal como são feitas que a de intervir mediante um questionamento dos saberes e poderes que circulam nas relações esportivas.

Por outro lado, algumas vezes, a atuação do psicólogo funciona mediante a criação de dispositivos que buscam abrir algum espaço para que o jogador de futebol, assim como outros trabalhadores dos CTs, possam efetivamente subjetivar-se, ao invés de meramente sujeitar-se a normalizações e controles.

Questiono-me se não poderia ser a função do psicólogo fazer-se não inútil, mas inutilitário ao potencializar algum fio, ao menos, de autonomia que possa vir a aparecer nas práticas cotidianas de jogadores, técnicos e equipes, nessa instituição futebol – a propósito, não tão flexível em suas relações internas quanto é em suas relações com o mercado global de “pés-de-obra”.

É, sem dúvida, um desafio sustentar práticas de psicologia – e de outras especialidades – voltadas para a inventividade, e não para a adaptação, como é comum no futebol contemporâneo. Mas creio que seja preciso enfrentar tal desafio, pois enquanto as forças da racionalidade objetivante vão na direção de proteger-nos da mutação, da imprevisibilidade e do acaso - normalizando e massificando modos de vida -, outras forças promovem movimentos divergentes, surpreendendo e escapando a tal modelo – qual no drible inesperado e nas jogadas não programadas, que criam efeitos (com a bola, e para a vida).

Referências

- CASTRO, Ruy. 1995. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. 2000. *João Carvalhaes*. (vídeo). Disponível em: < <http://www.crsp.org.br/memoria/joao/videos.aspx> >. Acesso em: mar. 2011.
- COQUEIRO, Daniel Pereira; HONORATO, Noemi Peres. 2008. “A psicologia aplicada às categorias de base do futebol”. EFDeportes.com Revista Digital. (123). Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd123/a-psicologia-aplicada-as-categorias-de-base-do-futebol.htm> >. Acesso em: jan. 2013.
- DAMO, Arlei Sander. 2007. *Do dom a profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. Porto Alegre: Hucitec.
- DANTAS, Marina de Mattos. 2011. *Futebol de base e produção de subjetividade: o psicólogo do esporte e a formação do atleta contemporâneo*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- DELEUZE, Gilles. 1988. “Qu’est-ce qu’un dispositif?”. In: Michel Foucault: *Philosophe: Rencontre International*, Paris, 9, 10 e 11 de janeiro: Des Travaux-Seuil: 185-195.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. 1995. *Mil Platôs*. v.1. Rio de Janeiro: Ed.34.
- FLORENZANO, José Paulo. 1998. *Afonso e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. 2007. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7. ed. Petrópolis: Vozes
- FOUCAULT, M. 2006. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 31. ed. Petrópolis: Vozes.
- KASTRUP, Virgínia. 2009. “O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo”. In: E. Passos, V. Kastrup e L. ESCÓSSIA (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.
- LAZZARATO, Maurizio. 2010. *O governo das desigualdades: crítica da insegurança neoliberal*. 2010. São Carlos-SP: EdUfscar.
- LOURAU, René. 2004. “Uma apresentação da Análise Institucional”. In: S. Altoé (org.) *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec.
- MIRA Y LOPEZ, Emilio; SILVA, Athayde Ribeiro da. 1964. *Futebol e psicologia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- PERELMUTTER, Daisy. *A história oral e a trama sensível da subjetividade*. 1997. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PORTELLI, Alessandro. 1996. “A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significação das memórias e nas fontes orais”. *Revista Tempo*, I(2):59-72.

_____. 1997. “O que faz a história oral diferente”. *Projeto História*, (14): 25-39.

RODRIGUES, Nelson. 1994. *À Sombra das Chuteiras Imortais*. São Paulo: Companhia das Letras.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. 2000. “Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções”. *Motrivivência*, (15):13-24.

WAENY, M.F.C.; AZEVEDO, M.L.B. *João Carvalhaes: pioneiro da Psicologia do Esporte*, 2003. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia. Disponível em: < <http://www.crpsp.org.br/memoria/joao/artigo.aspx> >. Acesso em: mar. 2011.

Marina de Mattos Dantas. Psicóloga, mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), doutoranda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT). Endereço para correspondência: Av. Ns. da Penha, 595, torre II, sala 714 - Vitória - ES, CEP: 29055-131.

Notas

¹ Artigo elaborado a partir de pesquisa apresentada no XI Encontro Nacional de História Oral: Memória, Democracia e Justiça”, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro entre os dias 10 e 13 de julho de 2012, tendo como base a dissertação de mestrado referida.

² A cartografia é um modo de pesquisar que visa investigar um processo de produção no qual não se busca um meio linear de se atingir um fim (Kastrup 2009). Para Deleuze e Guattari (1995), a cartografia não reproduz um fenômeno como dotado de uma essência; à medida que se aproxima dele, de maneira rizomática, também o transforma.

³ A partir de Deleuze (1989), penso o dispositivo como o encontro de linhas de força de diversas naturezas que se impõem a partir da necessidade seja de transformação seja de controle, em um determinado momento histórico, e produzem efeitos de subjetivação.

⁴ Acontecimentos que condensam/desvelam práticas e processos (Lourau 2004).

⁵ Consta na gravação de cada entrevista a autorização para a divulgação do nome dos entrevistados, bem como para a utilização das entrevistas em publicações acadêmicas.

⁶ Em 2001, foi oferecido o primeiro curso de especialização em Psicologia Aplicada ao Esporte de Alto Rendimento no Rio de Janeiro, do qual todos os psicólogos então atuantes em clubes participaram. Alguns daqueles profissionais formaram um grupo de estudos e, posteriormente, um grupo de trabalho que presta serviços de psicologia voltados para o esporte – O CEAPERJ. Hoje participam desse grupo quase todos os psicólogos esportivos que atuam no Rio, oferecendo: cursos, consultoria, pesquisa e supervisão para atletas e equipes esportivas.

⁷ Instituição, criada pelo técnico que a nomeia e que oferecia cursos à distância sobre especialidades no futebol.

⁸ Como são chamados os profissionais da área administrativa do clube.

⁹ Nelson Rodrigues (1994) traz esse personagem em diversos momentos, em suas crônicas, quando aborda os acontecimentos improváveis e inexplicáveis que aparecem em campo, e que decidem a partida.

¹⁰ Os clubes mineiros são obrigados pelo Ministério Público a não alojarem jovens menores de 14 anos.

¹¹ Nome fictício.